

DIFUSÃO LEXICAL NO ÂMBITO DAS CAUSATIVAS ANALÍTICAS: DO LATIM AO PORTUGUÊS DO BRASIL

*Vanda de Oliveira Bittencourt**

RESUMO

Neste trabalho, procuro mostrar que algumas mudanças (quantitativas e qualitativas) que atingiram construções causativas analíticas – de subjuntivo e de infinitivo –, em seu percurso histórico do latim até o português e outras línguas românicas, se expandiram por liderança de certos itens verbais causativos, ou seja, por difusão lexical.

Interessada, há um bom tempo, no desvendamento do *modus operandi* das línguas no que diz respeito à expressão da causatividade, tenho podido confirmar a opinião de autores como Shibatani (1975), Comrie (1976, 1985), Givón (1975, 1990), Burzio (1986), Figueira (1985), dentre tantos outros, incansáveis em chamar a atenção dos estudiosos para a sua variedade configuracional e semântica, articulada com funções/intenções comunicativas diferentes.

Num dos meus últimos trabalhos sobre as construções causativas do português brasileiro (Bittencourt, 1995), procurei ir além de um exame descritivo, ou seja, de caráter sincrônico, que vinha empreendendo até então, para proceder, também, a uma investigação de ordem diacrônica. Nesse novo enfoque, tentei, na medida do possível, reconstituir alguns passos do percurso evolutivo dos diferentes tipos de estrutura causativa (de conformação analítica, semi-analítica e sintética), desde a sua fase latina – modalidades clássica e vulgar – até o português atual (particularmente, em sua vertente brasileira), com pequenas incursões em algumas de suas línguas irmãs (francês, espanhol e italiano).

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

O estudo da expressão causativa no português brasileiro foi efetuado a partir de dois tipos de fonte documental primária: um escrito, constituído de cartas (oficiais e particulares) e de diários (de viagem ou de vida pessoal), datados dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, e outro de natureza oral, obtido de entrevistas com informantes belorizontinos do sexo masculino e feminino, de formação universitária, na faixa etária de 21 a 56 anos. Por sua vez, os dados relativos ao latim (clássico e vulgar) e às línguas românicas foram coligidos de fonte secundária, isto é, de gramáticas ou de estudos contendo informações e dados acerca das estruturas em questão.

Nessa caminhada, foi possível detectar convergências e divergências entre os rumos tomados pelo português brasileiro, de uma lado, e os assumidos pelo português europeu e outras línguas românicas, de outro, muitos já em embrião não só no latim vulgar como no próprio latim clássico.

Dentre as **convergências**, mencione-se, aqui, a redução numérica das causativas analíticas de *subjuntivo*, em contraposição ao fortalecimento das formas de *infinitivo*. Os dados do português do Brasil, transcritos abaixo, ilustram os dois tipos de causativa, indicando-se, entre parênteses, os de caráter mais coloquial:

- (1) a – Jô Soares **fez que** os seus entrevistados **passassem** a maior vergonha.
b – Jô Soares **fez com** que os seus entrevistados **passassem** a maior vergonha.
- (2) a – Jô Soares **fez** os seus convidados/**fê-los passar** a maior vergonha.
b – Jô Soares **fez** os seus convidados/**fê-los passarem** a maior vergonha.
(Concordância comum na língua oral e em expansão na modalidade culta)
c – Jô Soares **fez eles passar(em)** a maior vergonha.
(Forma vigente na língua oral coloquial)

No latim escrito, essa discrepância quantitativa entre o subjuntivo e o infinitivo (extensiva a outros tipos de verbo que podiam co-ocorrer com complemento oracional) era, inicialmente, enviesada, ou seja, favorável ao subjuntivo. Posteriormente, contudo, a situação se reverteu e as completivas com verbo no infinitivo passaram a imperar numericamente sobre suas “rivais” de subjuntivo. A ocorrência de um ou outro tipo era previsível em alguns poucos casos, conforme nos apontam os estudiosos Assim, por exemplo, na subclasse dos “causativos ordenativos”, o lexema verbal *iubere* (‘ordenar’) selecionava, preferentemente, complemento oracional infinitivo, ao passo que *imperare* (‘comandar, mandar’) exigia, mais comumente, a forma de subjuntivo. Ilustram-nos isso dados como os de abaixo, transcritos, respectivamente, de Blatt (1953, p. 252) e de Climent (1971, p. 181):

- (3) a – “**Ut hoc mihi des, impero.**”
‘Ordeno-te que mo dês.’
b – “**Erus me iussit Pamphilum observare.**” (Ter. Andr., 412)
‘(Meu) senhor me mandou vigiar Pamphilo.’

No universo românico, deparamo-nos com um quadro percentual até certo ponto divergente, a saber: no italiano e no francês, as causativas de infinitivo praticamente sufocaram as de subjuntivo, ao passo que, no espanhol e no português (europeu e brasileiro), o padrão subjuntivo se reteve, embora com sinais evidentes de recuo frente às formas de infinitivo (pelo menos, na variante do Brasil). Tal enfraquecimento, é bom que se diga, não se restringe ao universo causativo, mas é extensivo a outros tipos de lexemas verbais, o que ratifica a afirmação de Câmara Jr. (1964, p. 326), segundo a qual, o modo subjuntivo se configura, na nossa língua, como um caso de “servidão gramatical”, já que utilizado por demanda de outro item verbal.

Voltado para as causativas de configuração bi-oracional, o presente estudo tem como uma de suas metas averiguar e apontar as razões dessa inversão de preferência românica por construções causativas de conformação estrutural menos analítica (verbo causativo + oração completiva de infinitivo), em detrimento das estruturas de conformação mais analítica (verbo causativo + conectivo + oração completiva com verbo no subjuntivo) – o que vai de encontro à direção esperada, no sentido do analitismo, tendência observada no latim vulgar e nas línguas românicas em geral.

A idéia que se defende aqui é que um dos fatores que devem ter contribuído para tal substituição (total ou parcial) é a força causativa assumida pelos itens verbais *fazer* e *deixar*, que, (semi)neutralizados semanticamente no correr do tempo, acabaram por incorporar certos traços comuns aos verbos auxiliares, gramaticalizando-se (ou quase) como itens causativos prototípicos dos subgrupos *factitivo* e *permissivo*. Espécie de “gatilho”, eles podem ter comandado o avanço numérico das causativas de infinitivo sobre as de subjuntivo, bem como o afrouxamento das fronteiras entre o verbo principal causativo e o subordinado infinitivo, outro aspecto de mudança aqui averiguado.

Se pertinente, essa suspeita (a ser, obviamente, comprovada com dados estatísticos mais completos) reforça a idéia da adequação do modelo difusionista ao campo da mudança sintática (conforme defendido por Mollica, 1992; Mattos e Silva, 1992, e outros estudiosos), estendendo, portanto, a sua atuação para além do território da mudança sonora, investigada por lingüistas sino-americanos como Chen e Wang (1975), Wang e Cheng (1977), e brasileiros como Oliveira (1991, 1992).

SITUAÇÃO LATINA

Segundo as gramáticas e estudos específicos, o **latim clássico** contava com dois esquemas básicos de construção causativa com complemento oracional:

- “verbo causativo + conectivo subordinativo (*ut/ne*) + verbo no subjuntivo”,
- “verbo causativo + infinitivo”.

Como exemplos, citem-se, além de (3 a, b), acima, os seguintes, contendo os itens causativos *facere* ('fazer') e *sinere* ('deixar, permitir'):

- (4) a – Fac **ut** fidelis **sim**.
 ('Faze que eu seja fiel.')
- b – Facite homines **discumbere**.
 ('Fazei assentar essa gente.')
- (5) a – Sine **ut** amet.
 ('Permita que (ele) ame.')
- b – Vites **regelare** sinuntur.
 ('Deixam queimar as videiras com o gelo.')

Embora contasse com um numeroso repertório de lexemas verbais causativos (conforme quadro exibido em Bittencourt, 1995, p. 244), segundo referido anteriormente, a distribuição nos dois tipos de completiva oracional, de subjuntivo ou de infinitivo, era fortuita. A co-ocorrência mais constante, já se mostrou, era a de "*iubere* + infinitivo" e de "*imperare* + subjuntivo". No caso do padrão subjuntivo, era comum a elipse do conector conjuncional, conforme exemplificado a seguir:

- (6) Sine me expurgem.
 ('Permite que me justifique.')

No caso específico das causativas de infinitivo, teríamos, segundo Vincent (1990), dois esquemas configuracionais, com efeitos de sentido diverso:

- a) um, conhecido como de *infinitivo prolativo*, constituído de estrutura mono-oracional, compreendendo "verbo causativo + complemento objetivo interno do verbo principal + infinitivo ativo aposto ao objeto";
- b) outro, dito *causativa de acusativo + infinitivo* (ativo ou passivo), de configuração bi-oracional, uma vez que formado de "verbo causativo + complemento oracional infinitivo, com SN sujeito (Causado) em acusativo. Os dois tipos aparecem ilustrados abaixo, com a devida indicação da leitura que lhes era atribuída:

- (7) a – Iubeo eum /uenire.
 ('Dou-lhe uma ordem: a de vir')
- b – Iubeo/eum uenire.
 ('Ordeno que ele venha.')

Essa diferença interpretativa, na verdade, nos indicia passos de mudança ocorrida no próprio latim escrito, conforme acreditam Blatt (1952), Palmer (1954), Climent (1971) e tantos outros mais. Numa cadeia rumo à **gramaticalização**, teríamos, num primeiro momento, uma estrutura sintática mono-oracional, ou seja, de conformação mais sintética, em que a forma de infinitivo, de caráter eminentemente

nominal, nada mais era do que um constituinte aposto ao objeto direto (Causado) do verbo causativo (exemplo 7 a). Numa etapa posterior, por atuação do mecanismo de *reagrupamento da articulação sintática*, ou de *deslocamento de fronteira inter-relacional*, comum em processos de gramaticalização, o SN acusativo (constituinte Causado) foi reinterpretado como membro de uma relação mais íntima com o verbo subordinado infinitivo, que viu aumentada a sua força verbal, em detrimento da nominal. No esquema a seguir, pode-se visualizar melhor esse processo de desdobramento interclausular, de que resultou uma estrutura de conformação mais analítica do que a que lhe serviu de fonte:

A deduzir dos estudos efetuados pelos latinistas, essa mudança no território

(8) 1ª fase	2ª fase
verbo caus. + SN Causado objeto + aposto inf.	verbo causativo + oração compl. infinitiva (constituída de sujeito Causado em acusativo + verbo no infinitivo)

das construções infinitivas, de que resultou um estabelecimento de fronteiras interoracionais, teria se expandido por ação de verbos causativos de aceção ordenativa, (positiva e negativa), como *iubere* ('ordenar') e *vetare* ('proibir'), que, ao lado de outros lexemas verbais não causativos, passaram a ter largo emprego no novo contexto bi-oracional.

Mesmo que provisória, pois ainda sem comprovação estatística devidamente apurada, essa dedução é fortificada pelo fato de que os lexemas que funcionaram como "gatilho" para o alargamento de uso da forma analítica (verbo causativo + complemento oracional infinitivo), acumulavam, paralelamente à sua aceção causativa, um sentido de *finalidade*, o que lhes confere um perfil próximo ao dos líderes de mudanças sonoras, que vão assumindo novas aceções e se tornando semanticamente mais neutros.

Quanto ao **latim vulgar**, detectamos encontros e desencontros em relação à modalidade clássica. No que diz respeito à taxa de emprego das estruturas de *subjuntivo*, a situação é de dissenso. Preferidas na língua clássica, na vulgar, elas perdem terreno para as de *infinitivo* – fato que não se verifica com verbos de outros campos semânticos. Essas formas, mantêm-se em sua conformação bi-clausular – o que implica uma fixação de uso da última alternativa originada no latim escrito.

Tentando explicar a tendência à sobrepujança das formas (causativas ou não) de infinitivo sobre as de subjuntivo, Maurer Jr. (1951) mostra que se trata de um caso de *petrificação estrutural*, verificado em muitas áreas românicas.

Do breve quadro aqui traçado acerca das tendências observadas nas formas analíticas de expressão causativa nas duas modalidades do latim, clássica e vulgar,

resta-nos a idéia (que merece ser explorada) de que as alterações quantitativas e qualitativas ocorridas se justificam por processos de âmbito muito mais amplo, que devem estar associados a questões de modo de marcação de integração inter-oracional – coordenada ou subordinada –, além da própria distinção entre oralidade e escrita.

SITUAÇÃO ROMÂNICA

Francês e italiano

Se, por um lado, algumas línguas românicas, dentre as quais o português, dão seqüência à situação latina de privilegiamento das formas causativas de infinitivo em detrimento das de subjuntivo, por outro, opõem-se à sua língua-mãe, no que toca ao perfil estrutural daquelas (estruturas de infinitivo). *Reanalizadas* como biclausulares em tempos latinos, ou seja, reinterpretadas como de configuração analítica, próximas, pois, às de subjuntivo (que acabaram se enfraquecendo numericamente), as causativas de infinitivo não tiveram destino igual nas línguas neolatinas.

A discrepância se mostra mais radical no francês e no italiano do que no português (europeu e brasileiro) e no espanhol. Nas duas primeiras, segundo nos apontam Zubizarreta (1985) e Burzio (1986), os lexemas causativos prototípicos *fai-re* e *fare* (resultantes da extensão de uso do verbo latino *facere*), praticamente se gramaticalizaram como verdadeiros “operadores” causativos, assumindo o estatuto próprio de “auxiliares”. Uma evidência empírica dessa conjunção formal e semântica, nessas duas línguas, é a ocorrência maciça (ou quase única) de construções como as de abaixo, classificadas por Zubizarreta (1985) como de “*verbo complexo*”. Nelas o SN Causado, seja em acusativo, seja em dativo ou em oblíquo não-dativo (conhecidas como “*Faire-Par*”), vem, necessariamente, posposto ao conjunto verbal formado por “verbo causativo + infinitivo”:

- (9) a – Marie **a fait sortir** Jean.
 b – Marie **a fait lire** le livre **à/par** Jean.
- (10) a – Maria **ha fatto lavorare** Giovanni.
 b – Maria **ha fatto riparare** la macchina **a/da** Giovanni.

Pelo que se pode ver, temos aqui um processo de sintetização mais rígida, que reduz um conjunto de duas orações – principal e subordinada de infinitivo – num conjunto mono-oracional – o que nos põe frente a frente com a velha tensão entre *analitismo* e *sintetismo*, conhecida força de oponência entre o latim escrito e o latim falado.

Nos dois embates, entre subjuntivo e infinitivo, de um lado, e entre formas de infinitivo mais analíticas ou mais sintéticas, de outro, percebe-se a colaboração

lexical de itens verbais como *faire* e *fare*, que, desde a fase latina vinham assumindo uma acepção mais neutra e configurando-se como “verbos-*light*”.

Português – europeu e brasileiro

No caso específico do português, constatamos, além da desvitalização das formas de subjuntivo, já aludida, uma fusão sintático-semântica dos causativos *fazer* (sobretudo) e *deixar*, só que bem menos radical do que a verificada no francês e italiano – o que vale dizer, que, no caso de nossa língua, a gramaticalização desses dois elementos ainda se encontra em andamento. Naturalmente, no caso da variante lusitana, essa alteração atinge um número maior de estruturas – com Causado Dativo e Causado Oblíquo não-Dativo –, praticamente obsoletas no português do Brasil, que conta tão somente com as causativas com Causado Acusativo, ou Nominativo (no uso oral). Em outras palavras, no português, o grau de junção entre os dois lexemas verbais (causativo e infinitivo) é bem mais frouxo do que o que se observa no francês e no italiano. Prova disso é que os dois itens podem ser interceptados por material lingüístico, conforme nos comprovam os seguintes dados:

- (11) a – O mordomo fez, por conta própria, **entrar** todos os convidados.
 b – O presidente **fez**, sem qualquer constrangimento, construir o jardim de seu palácio **a/por** um famoso arquiteto.

Embora desprovido (ou quase) de formas causativas de Causado Oblíquo (Dativo e não-Dativo), o português brasileiro, reforça-se, encontra-se na mesma situação do lusitano quanto à gramaticalização dos verbos *fazer*, causativo por excelência nas línguas românicas, e *deixar*. Na esteira dos estudos realizados por Benveniste (1974/1989), diríamos, por enquanto, que ambos (principalmente o primeiro) se caracterizam, ainda, como “semi-auxiliares” ou “quase-auxiliares” – o que, em última instância, nos leva a classificar as construções causativas de infinitivo com *fazer* e *deixar* como de configuração semi-analítica. Prova dessa fusão é a enorme taxa de emprego de enunciados como os de abaixo, recolhidos do português oral brasileiro (e também encontrados no europeu), em que o SN Causado aparece posposto ao conjunto formado pelo “verbo causativo intransitivo + infinitivo”, que se configura, então, como uma sorte de perífrase:

- (12) a – Por favor, **faça sair** essa gentalha que está me azucrinando a cabeça!
 b – Garçom, **faz descer** logo essa “lourinha”, que estamos mortos de sede!
 c – Nunca sei como **fazer crescer** esse bolo.

“GATILHOS” DE IRRADIAÇÃO DAS MUDANÇAS

Delineado esse quadro de mudanças (de opção pelas causativas de infinitivo em detrimento das de subjuntivo, e de (semi)junção interverbal nas causativas de infinitivo), detenhamo-nos, agora, nos fatores que devem ter ativado sua expansão, e que foram, até o momento, mencionados apenas de passagem.

Para melhor explicar o fenômeno ocorrido (ou ainda em ocorrência), tome-se, como ponto de referência, o processo de difusão lexical, comum no campo da mudança sonora. De acordo com Oliveira (1991, 1992), os itens lexicais que funcionam como propulsores (“gatilhos”) da mudança fonético-fonológica apresentam os seguintes traços:

- a) [+ comum], ou seja, de uso mais freqüente e de aceção mais rasa;
- b) [+ estilo informal].

Ora, ao acompanharmos de perto a trajetória evolutiva dos dois lexemas causativos, *fazer* e *deixar*, de sentido *factitivo* e *permissivo*, respectivamente, percebemos que, tornando-se, no correr dos séculos, cada vez mais freqüentes no contexto das causativas de infinitivo, ambos vão também carregando consigo outros lexemas verbais causativos, fortificando, assim, o emprego das mesmas, relativamente às de subjuntivo. Nesse percurso, os dois itens vão perdendo, em tal contexto, o seu caráter de verbos plenos e assumindo uma aceção mais neutra (ou rasa), que lhes confere um certo estatuto (morfofossintático e semântico) de verbo auxiliar. Em outras palavras, eles passam de um sentido mais concreto de ‘executar, obrar’, e de ‘permitir, dar licença, possibilitar’, etc. para um sentido mais abstrato de indicição de causatividade, cuja polissemia e força, entretanto, não deixam de ser expressas, segundo o tipo de interveniência dos elementos Causador e Causado e/ou o contexto situacional da ação causativa.

Nunca é demais lembrar que, na época latina, o causativo *facere*, por exemplo, apresentava uma polissemia considerável, que possibilitava a sua ocorrência em diferentes tipos de construções, dentre as quais, as causativas analíticas de subjuntivo e de infinitivo. Embora não fosse o único item de cunho *factitivo* no latim, ele foi, aos poucos ocupando o lugar dos demais nas estruturas de infinitivo, colaborando, assim, para o fortalecimento de uso das mesmas e para o caráter prototípico que assumiu, posteriormente, no quadro das línguas românicas.

No caso específico do português do Brasil, os seguintes dados percentuais, obtidos do *corpus* examinado no meu trabalho de 1995, nos mostram, no território dos factitivos, a fortificação do causativo *fazer* em relação *levar a*, no correr dos séculos:

Tabela 1
Frequência de causativos factitivos, por século,
em construções de infinitivo

Século	Lexemas causativos	
	Fazer %	Levar a %
XVI	80	20
XVII	85	15
XVII-XX	99	1

Nessa trajetória, damos-nos conta de que o item *fazer*, líder factitivo das mudanças sintáticas aqui examinadas, apresenta as mesmas peculiaridades dos vocábulos propulsores da mudança sonora, acima apontadas, a saber: a) largo índice de ocorrência em contextos causativos distintos (construções de subjuntivo, de infinitivo e até de mini-oração, como “Ele me fez de bobo.”); b) ampla incidência em inúmeros tipos de estruturas não causativas, dentre os quais, as de configuração mais ou menos cristalizada, como as de *objeto incorporado*, estudadas por Saraiva (1997), ou aquelas em que ele funciona como uma espécie de “pró-forma”, conforme exemplificado abaixo:

- (13) a – Essa turma adora **fazer fofoca**.
 b – Adoro sair para **fazer compras**.
- (14) a – — Míriam enfiou uma pipoca no nariz.
 — Míriam **fez o quê?**...
 b – — Menino, o que é que você está **fazendo** dentro desse armário?

A par do sentido mais raso e do emprego [+ comum] desse lexema verbal, cumpre lembrar que as fontes documentais examinadas no estudo desenvolvido em 1995 revelam, ainda, um alto grau de uso do mesmo em contextos mais informais, desde o período latino.

Por sua vez, no grupo dos causativos *permissivos* (*deixar, permitir, consentir*), é o item *deixar* que, na escalada do tempo, vai comandando a preferência cada vez maior pela construção infinitiva, relativamente à de subjuntivo. Além de apresentar uma acepção mais neutra que a de seus pares, diferentemente deles, esse lexema verbal passa a figurar num número muito maior de estruturas, tais como de subjuntivo, de infinitivo e de mini-oração (“Ele me deixou tonto com seu falatório.”), o que serve para demonstrar o seu traço [+ comum]. Outro aspecto importante a lembrar aqui é o seu desgaste fonético antes da forma verbal infinitiva, o que sinaliza o seu alto grau de uso e o seu nível de coloquialidade. O excerto abaixo,

retirado de uma das cartas (pessoais) que integram o acervo documental por mim utilizado, contém um comentário metalingüístico acerca do uso atual do causativo *deixar*, entre nós brasileiros, que vale a pena transcrever:

Creio que surgem problemas assim: Você (o aluno) ouvirá dizer: “deixe-me ver” – é a forma correspondente à língua literária; “deixa eu ver”, ou “deix’eu ver” – é o uso da língua falada; “xô vê” – é o modo de falar da língua popular. Não é isso? (Carta de um pai professor à sua filha primogênita, datada de 1978. Destaques meus)

Num levantamento quantitativo por século, similar ao que foi feito para os causativos factitivos (*fazer e levar a*), temos os seguintes resultados favoráveis ao item *deixar*, relativamente aos demais lexemas permissivos:

Tabela 2
Frequência dos causativos permissivos, por século,
em construções de infinitivo

Século	Lexemas causativos permissivos		
	Deixar %	Permitir %	Consentir %
XVI	0	50	50
XVII	100	0	0
XVIII	66,6	33,4	0
XIX	88,3	16,7	0
XX	88,8	11,2	0

Ainda que constituam um mero recorte de uma pesquisa mais abrangente, os dados numéricos aqui exibidos servem para indiciar o papel de liderança assumida pelos itens *fazer* e *deixar*, no sentido da vitalização de uso das formas causativas de infinitivo sobre as de subjuntivo, cujo esmaecimento, é claro, não se explica apenas por esse fator.

CONCLUSÃO

Num trabalho de rastreamento do fluxo evolutivo de sentenças causativas de conformação analítica do português (com breve menção de outras línguas românicas), desde a sua origem latina, busquei detectar e mostrar uma possível articulação entre algumas das alterações ocorridas em sua configuração formal e as explicações defendidas pelo modelo difusionista. Nessa empreitada, pude constatar o seguinte:

- a) quanto ao latim clássico:
- uma preferência inicial pelas formas de subjuntivo em relação às de infinitivo;
 - uma alteração estrutural nas causativas de infinitivo, que, de monoclausulares tornaram-se, por efeito de reanálise sintático-semântica, biclausulares;
- b) quanto ao latim vulgar:
- contrariamente à situação vigente em outros tipos de estruturas com complemento oracional (nas quais predominava o subjuntivo), uma inclinação maior, no caso das causativas, pelas formas de infinitivo, de configuração um pouco menos analítica;
- c) quanto às línguas românicas:
- uma tendência no sentido da fortificação de uso das estruturas infinitivas relativamente às de subjuntivo, mais drasticamente reduzidas no francês e no italiano;
 - nessas duas últimas línguas, a ocorrência de uma verdadeira fusão entre o lexema verbal causativo factitivo e o verbo infinitivo, por gramaticalização daquele;
 - no português (lusitano e brasileiro), uma situação um pouco diferente, a saber: os verbos causativos de aceção factitiva e permissiva mais neutra (*fazer* e *deixar*) apresentam traços não só de verbos plenos como também de auxiliares, caracterizando-se, pois, como “semi-auxiliares”;
- d) pelo perfil semântico apresentado em contexto causativo, esses dois itens – *fazer* e *deixar* – acabam sendo responsáveis pela proeminência quantitativa das estruturas de infinitivo sobre as de subjuntivo, sendo reinterpretados como auxiliares (ou até mesmo como morfemas), no francês e no italiano, ou como quase-auxiliares, no português.

RÉSUMÉ

Dans ce travail, nous étudions des changements dans des constructions causatives du type analytique – de subjonctif et d’infinitif – rencontrés dans le développement des langues latines. Notre but est de montrer que certains lexèmes verbaux agissent par diffusion lexicale dans l’expansion de ces changements.

Referências bibliográficas

- BENVENISTE, Émile. (1974). **Problemas de lingüística geral II**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.
- BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. **Da expressão da causatividade no português do Brasil: uma viagem no túnel do tempo**. São Paulo: PUC, 1995. (Tese, Doutorado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas).
- BLATT, Franz. **Précis de syntaxe latine**. Lyon: IAC, 1952.
- BURZIO, Luigi. **Italian syntax; a government-binding approach**. Dordrecht: D. Reidel Publishing, 1986.
- CHEN, M. & WANG, W. S.-Y. Sound change: actuation and implemetation. **Language**, v. 51, p. 255-281, 1975.
- CLIMENT, Mariano Bassols de. **Sintaxis latina**. Madrid: C.S.I.C., 1971. v. II.
- COMRIE, Bernard. The syntax of causative constructions: cross-language similarities and divergences. In: SHIBATANI, Masayoshi (Ed.). **The grammar of causative constructions**. New York: Academic Press, 1976. p. 261-312. (Syntax and Semantics, v. 6).
- COMRIE, Bernard. Causative verb formation and other verb – deriving morphology. In: SHOPEN, Timothy (Ed.). **Language typology and syntactic description; grammatical categories and the lexicon**. Cambridge: CUP, 1985. v. III, cap. 6, p. 309-348.
- FIGUEIRA, Rosa Attié. **Causatividade: um estudo longitudinal de suas primeiras manifestações no processo de aquisição do português por uma criança**. Campinas: Unicamp, 1985. (Tese, Doutorado em Lingüística).
- GIVÓN, Talmy. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, n. 1, p. 85-99, jul./dez. 1992.
- MAURER JR., Th. Henrique. **A unidade da România Ocidental**. São Paulo: [s.n.], 1951.
- MOLLICA, Maria Cecília. Difusão lexical em sintaxe. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, n. 1, p. 79-84, jul./dez. 1992.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. The neogrammarian controversy revisited. **International Journal of the Sociology of Language**, Berlin, v. 89, p. 93-105, 1991.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. Aspectos da difusão lexical. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, n. 1, p. 85-89, jul./dez. 1992.
- PALMER, L. R. **The latin language**. London: Faber & Faber, 1954.
- SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. **Buscar menino no colégio; a questão do objeto incorporado em português**. Campinas: Pontes, 1997.
- SHIBATANI, Masayoshi. **A linguistic study of causative constructions**. Berkeley: California University, 1975. (Dissertation, Ph.D.).
- VINCENT, Nigel. Latin. In: HARRIS, M & VINCENT, N. (Ed.). **The romance languages**. New York: Oxford University Press, 1990. p. 26-78.
- WANG, W. S.-Y & CHENG, C.-C. Implementation of phonological change: the Shuang-feng Chinese case. In: WANG, W. S.-Y. (Ed.). **The lexicon in phonological change**. The Hague: Mouton, 1977. p. 148-158.
- ZUBIZARRETA, Maria Luisa. The relation between morphophonology and morphosyntax: the case of Romance causatives. **Linguistic Inquiry**, v. 16, n. 2, p. 247-289, 1985.